

## BRICS: origem, estado atual e futuro

*Flávio Aguiar*

A história dos BRICS é muito curiosa: trata-se de uma das vezes em que a criação de uma palavra antecedeu e até provocou a configuração de um “objeto” no mundo real, digamos assim. O economista Jim O’Neill, enquanto trabalhava para a empresa Goldman Sachs, cunhou a palavra – tecnicamente uma sigla, ou acrônimo – em 2001, referindo-se a quatro potências econômicas emergentes (na época, a África do Sul, o “S” da expressão atual, para “South Africa”, em inglês, não entrou nela). As quatro eram Brasil, China, Índia e Rússia. A Rússia era considerada também emergente, depois da débâcle do comunismo, do fim da União Soviética, e da crise que a atingiu na sequência, com forte queda no nível e até na expectativa de vida da população.

O que as unia, além de interrelações comerciais relevantes e crescentes? Pouco e muito, na verdade. Havia conflitos, como os da Rússia e do Brasil em torno da importação pela primeira de carne bovina, contencioso que durou algum tempo mas, é verdade, arrefeceu. Havia conflitos históricos – territoriais e políticos – entre a Rússia e a China. Este país e a Índia eram competidores regionais na Ásia, mais do que aliados. O Brasil, embora mantivesse relações diplomáticas com a China, não tinha um único diplomata que falasse mandarim.

Do ponto de vista político, havia pouco também em comum. Ainda sem contar a África do Sul, que entrou formalmente no grupo em 24 de dezembro de 2010, três dos membros iniciais, Índia, China e Rússia, eram e são potências nucleares e militares, duas de grande e uma de médio porte (a Índia). Estes três países têm conflitos de monta com vizinhos; o Brasil não. O Brasil não é potência militar nem nuclear: aliás, sua Constituição proíbe a fabricação de armas nucleares e é signatário do Tratado de Não-Proliferação. Rússia e China não são consideradas democracias plenas. O Brasil, desde o fim da Ditadura Militar, em 1985, é. A Índia, formalmente uma democracia plena, ainda luta com um sistema de castas presente no imaginário e na vida real da população, apesar de abolido no plano legal. A África do Sul, membro caçula do grupo, tem duas décadas de uma vida democrática conturbada depois de libertar-se de um dos sistemas mais despóticos da história humana, o *apartheid*.

Os quatro países “BRIC” eram economias gigantes e promissoras, apesar de grandes crises então recentes no Brasil e na Rússia, e em processo de crescimento que as igualava, em termos de tamanho e relevância econômica, aos países que se consideravam “a nata” do mundo industrializado. Três delas eram excluídas do então auto-proclamado e considerado o grande centro de debates e decisões sobre a ordem mundial: o G-8. Neste grupo, a Rússia era uma espécie de “membro menor”, “parvenu”, recém chegado. Os quatro – e a África do Sul também – não faziam parte de outro grupo visto como definidor de políticas mundiais, a OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômicos – de que fazem parte países tão díspares como os Estados Unidos e Luxemburgo, o México e a Coreia do Sul. Registre-se que no presente (2014) a Rússia foi “posta de castigo”, suspensa do G-8, que voltou a ser G-7, como represália por ser acusada de principal agente na crise da Ucrânia.